

Manhã ensolarada de segunda-feira em São Paulo. Pelas elegantes dependências da Sociedade Harmonia de Tênis, clube onde treina ao menos três vezes por semana, Maria Esther

Bueno circula com a altivez de um mito. Aos 76 anos, a tenista responsável por difundir a categoria feminina do esporte no Brasil ainda desperta um misto de admiração, inveja e respeito sempre que empunha a raquete. Funcionários, sócios decanos e jovens parceiros de quadra sabem que a mulher de silhueta esguia e gestos precisos não tem o nome impresso somente na placa de bronze que adorna a quadra de saibro – ele está gravado, de forma indelével, na história do tênis internacional. Neste momento de preparativos para os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, os atletas que sonham com o pódio têm na trajetória de Maria Esther uma fonte de inspiração. Ela mostra onde se pode chegar através do esporte. Poucos brasileiros foram tão longe.

Maria Esther não chegou a participar de uma Olimpíada. O tênis, na época em que ela brilhava no esporte, estava fora do programa olímpico, do qual só voltou a fazer parte em 1988, em Seul, na Coreia. Agora, ela não esconde o entusiasmo pela chance de ver seu país ser anfitrião de grandes nomes das quadras na atualidade. “O Federer [o suíço Roger Federer, medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012] já anunciou que gostaria de jogar aqui, talvez contemos de fato com a presença de grandes atletas”, torce. E quanto aos tenistas brasileiros? “Não teremos um campeão de uma hora para outra, mas sempre espero boas atuações. Sedar as Olimpíadas é fantástico para todos nós, pois nossos competidores têm a possibilidade de jogar em casa, junto às famílias e com apoio do público. Será, sem dúvida, um grande momento para o esporte.”

Embora não tenha tido a chance de conquista uma medalha olímpica, a tenista, com seu jogo agressivo de saques fortes, acumulou a incrível marca de 585 títulos, sendo 170 internacionais. Houve períodos em que reinou praticamente sozinha. Em 1959, foi eleita atleta do ano pela imprensa americana especializada, disputando com praticantes de todas as modalidades esportivas. No ano seguinte, encerrou a temporada como campeã de duplas nos quatro maiores torneios mundiais: Wimbledon, US Open, Roland Garros e Austrália Open. Quando enumera as honrarias que acumulou ao longo

A sunny Monday morning in Sao Paulo. The elegant Harmonia Tennis Club where she trains at least three times a week, Maria Esther Bueno circulates with the aplomb of a myth. At the age of 76 years, the tennis player responsible for spreading women's tennis in Brazil still arouses a mixture of admiration, envy and respect whenever she wields the racket. Employees, partners and youngsters know that the wife of slim silhouette and precise gestures don't have the name printed on the bronze plaque that adorns the block of clay – she is recorded, indelibly, in the history of international tennis. In this time of preparations for the 2016 Olympic Games in Rio de Janeiro, athletes who dream of the podium should look to Maria Esther as a source of inspiration. It shows where you can get through sport. Few Brazilians have been so far.

Maria Esther did not participate in an Olympics. Tennis, at the time in which she shone in the sport, was out of the Olympic program, which only returned to take part in 1988 in Seoul, Korea.

Now, she doesn't hide the enthusiasm for the chance to see her country being the host of big names of the sport today.

"Federer [Swiss Roger Federer, silver medal at the Olympics in London in 2012] has already announced that he would like to play here, maybe we count on his presence and of other great athletes."

And as for Brazilian tennis players?

"We won't have a champion overnight, but we can always expect good performances. Hosting the Olympics is fantastic for all of us, because our competitors have the possibility of playing at home, with families and with public support. This will undoubtedly be a great moment for the sport."

Although she did not have a chance to win an Olympic medal, the tennis player, with her aggressive game of strong serves, amassed the incredible mark of 585 titles, 170 of which were international. There were periods in which she reigned virtually alone. In 1959, she was elected athlete of the year by the American Press Association, undisputed among practitioners of all sports. The following year, she ended the season as a doubles Grand Slam champion, winning four major world tournaments: Wimbledon, US Open, Roland Garros and Australia Open. When acknowledging the honours that she has accumulated along the way (see box), the tennis player doesn't forget to tell who she came to give private lessons to - Princess Diana and her two sons, William and Harry, when they were boys. "Through the tennis, I have met popes, noblemen and presidents. I didn't win any money, but I've done things that money can't buy."

Original Copy

da carreira (leia box), a tenista não esquece de contar que chegou a dar aulas particulares para a Princesa Diana e seus dois filhos, William e Harry, quando ainda eram meninos. “Através do tênis, conheci papas, nobres e presidentes. Não ganhei dinheiro, mas fiz coisas que o dinheiro não compra.”

Paulista de nascimento, filha de um industrial do setor químico e de uma dona de casa, ambos tenistas amadores, Maria Esther e o irmão mais velho, Pedro, praticamente nasceram na quadra. “Acho que comecei aos 5 anos, em torno disso. Nem me lembro direito, era muito pequena”, conta, com seu sorriso franco, um dos muitos que distribuiu à reportagem de Expressions. A família, que morava no bairro de Santana, Zona Norte paulistana, jogava na quadra de terra do então nobre Clube de Regatas Tietê – onde o pai dela também praticava remo. “Respirávamos esporte o tempo todo, mas não havia qualquer tipo de cobrança.

O tênis era sempre encarado como diversão”. Na adolescência, porém, a menina já demonstrava ser um ponto fora da curva – aos 14 anos, venceu o campeonato de adultos da Sociedade Harmonia de Tênis. Dali para frente, nada mais seria como antes. “Foi quando notaram que eu talvez tivesse um talento especial”. Os primeiros torneios internacionais aconteceram antes mesmo que Maria Esther recebesse o diploma de normalista do Colégio de Santa Inês. Nas semanas que antecediam as competições, começava a treinar às 5h30, antes que soasse a sineta da escola. Mas o esforço valia a pena. Em 1955, aos 16 anos, voltou dos Jogos Pan Americanos do México com a medalha de bronze, pela atuação nas duplas femininas. Em 1957, inscrita na categoria juvenil do Orange Bowl International Tennis Championship, em Miami, faturou o primeiro lugar. De lá, seguiu direto para outras competições pelos Estados Unidos e Caribe. De 15 torneios, venceu 14. “Naquela época, viajar era difícil e as passagens custavam caríssimo, então ninguém podia voltar para casa entre uma prova e outra. Passei o verão todo competindo, indo de um lugar para o outro, de ônibus ou trem, contando apenas com os poucos recursos dos meus pais. Não vinha apoio de parte alguma e o valor dos prêmios não fazia qualquer diferença”. Em solo estrangeiro e sem domínio do inglês, a moça de família agia como a mais aguerrida feminista – sem se dar conta. “Imagine o que significava viajar sozinha para uma mulher de 17, 18 anos. Todos estranhavam quando eu chegava a um restaurante, para jantar,

English Translation

Paulista de nascimento, daughter of an industrialist in the chemical sector and a housewife, both amateur tennis players, Maria Esther and her older brother, Pedro, were practically born on the Court. "I think it started when I was 5 years old, around that. I don't even remember right, was too small," she says, with a smile, one of many which can be seen in this Expressions report. The family, who lived in the neighborhood of Santana, the northern zone of São Paulo, played on the courts of the Clube de Regatas Tietê – where her father also practiced rowing.

"Respirávamos sport all the time, but there wasn't any kind of recovery. The tennis was always seen as fun. "

In adolescence, however, the girl already demonstrated her talent when aged 14 years, she won the national championship for adults held at the Sociedade Harmonia de Tênis.

From there on, nothing was to be the same.

"That's when I noticed that maybe had a special talent".

Her first international tournaments happened before Maria Esther received her diploma for primary and secondary schools of the College of St. Agnes.

In the weeks leading up to the contests, she began training at 5:30 am before the school bell rang.

But the effort was worth it.

In 1955, at the age of 16 years, she returned from the Pan American Games Mexico with the bronze medal, by specialised in women's doubles.

In 1957, she entered in the juvenile category of the Orange Bowl International Tennis Championship in Miami, winning the first place. From there, she moved on to other competitions in the United States and Caribbean. Of 15 tournaments, she won 14.

"At that time, travel was difficult and the tickets were expensive, then no one could go home in between events, and I spent the entire summer competing at events, going from one place to another, by bus or train, with only the few resources of my parents. I wasn't supported from anywhere else and the value of the prizes didn't make any difference ".

On foreign soil and with no command of English, the Lady of family acted as the firmer feminist – without realizing it.

"Imagine what it meant traveling alone to a woman of 17, 18 years. All were baffled when I came to a restaurant for dinner, without an escort. "

The athletes' routine, remembers Maria Esther, was draconian.

There was no coach, nutritionist or physician on duty.

Each looked out for themselves, controlled the diet itself, planned to practice and heal any bruises.

sem acompanhante”.

A rotina dos atletas, lembra Maria Esther, era duríssima. Não havia treinador, nutricionista ou preparador físico de plantão. Cada um cuidava de si, controlava a própria dieta, planejava os treinos e curava eventuais contusões. Nas partidas sob o sol, não havia qualquer recurso para atenuar o calor, nem guarda-sol para os intervalos. Era comum, lembra a tenista, enfrentar temperaturas acima dos 40°C e sair da quadra com bolhas na testa. “Hoje, você dá corda e põe o sujeito na quadra para jogar, os profissionais ao redor fazem todo o resto”, dispara. Também não havia especialização por categoria. “Eu treinava para as provas simples, de dupla e de dupla mista, o que somava 21 jogos por semana. Eram oito horas por dia, em todo tipo de quadra, uma barbaridade. Em compensação, o melhor do mundo era, de fato, o melhor em tudo”. Maria Esther não se destacou somente no manejo da raquete. Seu porte majestoso chamou a atenção do estilista britânico Ted Tinling (1910-1990), considerado um dos precursores da moda esportiva. “Ele me viu jogando em Paris, em 1958, e achou que eu tinha o tipo ideal para suas criações. Naquele tempo, o padrão de beleza não era de pernas fortes e musculosas como hoje”. A parceria entre os dois, inaugurada com um modelo branco que exibia palmeiras bordadas ao redor da cintura, rendeu alguns dos vestidos mais memoráveis da história do tênis – e escândalos inesquecíveis. Em 1962, a jogadora sacudi a conservadora plateia de Wimbledon ao pisar na quadra metida em uma minissaia com barra de plástico transparente, que deixava uma parte ainda maior das coxas à vista. Dois anos depois, no mesmo torneio, causou frisson com seu saio rodado, que revelava o forro rosa-choque sempre que a tenista erguia os braços para sacar. “Como a regra exigia o uso do branco, começamos a introduzir cores nos detalhes. As criações faziam um sucesso enorme. Mas imagine que eu só ganhava as roupas, nenhum tostão a mais”.

A memória fresca dos anos dourados do esporte não fazem de Maria Esther uma saudosista. Pelo contrário.

Comentarista

do canal a cabo SportTV há 10 anos, ela mantém-se atualizada. Solteira, sem filhos ou netos, passa cinco meses por ano, em média, entre a Europa e os Estados Unidos, onde cumpre uma intensa agenda de palestras e aulas para grupos fechados, de acesso exclusivíssimo. Sócia-honorária

In matches under the Sun, there was no resource to mitigate the heat, or umbrella for the ranges of weather.

It was common, remembers the tennis player, facing temperatures above 40° C and being out on the court with blisters on her forehead.

"Today, players are given lots of help and only have to worry about putting themselves on the court to play, with professionals around do everything else."

Also, there was no specialisation in each category.

"I played singles, doubles and mixed doubles, which totalled 21 games per week, playing eight hours a day on all kinds of courts, barbaric. On the other hand, the best in the world was, in fact, the best in everything".

Maria Esther excelled not only in the handling of the racket. Her majestic presence caught the attention of British designer Ted Tinling (1910-1990), considered the pioneer of sports fashion.

"He saw me playing in Paris in 1958, and thought I had the perfect body for his creations. At that time, the standard of beauty was not strong and muscular legs as today".

The partnership between the two, opened with a white model that displayed Palms embroidered around the waist, and netted some of the most memorable dresses in the history of tennis – as well as unforgettable scandals.

In 1962, the player shook the conservative audience of Wimbledon by stepping onto the court in a miniskirt with transparent plastic bar, displaying a large portion of her thighs.

Two years later, in the same tournament, she caused a sensation with her petticoat which, when she served, revealed a shocking pink lining.

"Now the rules require the use of white clothing after we started to introduce colours in the details. The creations were a huge success.

But imagine that I only got given the clothes, and did not make a penny more from wearing them."

The fresh memory of the golden years of the sport doesn't make Maria Esther a regretful. On the contrary. the SportTV cable news commentator for 10 years now, she keeps up to date.

Single, no children or grandchildren, she spends five months a year, on average, between Europe and the United States, where she undertakes an intense schedule of lectures and courses for closed groups, with very exclusive access. An An Honorary Member of the All England Lawn Tennis Club at Wimbledon, she is always welcomed in the Royal box, and, always been averse to hotels, prefers to stay in the homes of friends.

She has been doing so since her early days as an athlete, which was how she learned to speak English, Spanish, Italian and French.

de Wimbledon, onde é bem-vinda no camarote real, sempre foi avessa a hotéis. Prefere se hospedar em casas de amigos. Faz isso desde os tempos de atleta iniciante – foi dessa forma que aprendeu a falar inglês, espanhol, italiano e francês.

Sua popularidade, ela mesma atesta, sempre foi maior fora das fronteiras do Brasil. Não por acaso, seu site oficial (www.mariabueno.org) só tem versão em inglês. Ainda assim, continua numeroso o fã-clube paulistano, sobretudo no Harmonia, onde não lhe faltam parceiros para os treinos rotineiros, que geralmente começam às 7h da manhã e se encerram duas horas depois. “Tenho muitos amigos que vêm me ajudar”, diz, com a modéstia dos mitos.

Hall da fama

▮ O jogo do US Open em 1964, no qual Maria Esther venceu a americana Carole Graebner em apenas 19 minutos, foi parar no Guinness Book. “Como não havia intervalos em função da transmissão televisiva, a partida era contínua”, explica.

▮ Desde 1978, o nome de Maria Esther Bueno estampa o Tennis Hall of Fame & Museum, em Newport (EUA).

▮ Um verbete da Encyclopedia Britannica relembra os pontos altos da carreira da tenista brasileira e algumas de suas adversárias mais difíceis, como Anthea Gibson e Darlene Hard.

▮ Sua figura foi replicada em cera no museu Madame Tussauds, em Londres, e exposta durante cinco anos. “Agora sobrou só a cabeça no acervo, ao lado da Maria Antonieta”, ela acha graça.

▮ Os Correios lançaram um selo especial em 1959, em comemoração à sua vitória em Wimbledon – a mesma que rendeu um abraço do então presidente Juscelino Kubitschek, registrado na capa da revista Manchete, e desfile em carro aberto na volta a São Paulo.

▮ As conquistas em Wimbledon também levaram a jogadora à capa da revista Cruzeiro, em janeiro de 1961, ao lado do craque Pelé, do lendário pugilista Eder Joffre e de Bruno Hernani, bicampeão de pesca submarina.

▮ Uma estátua da atleta, em bronze, adorna o Estádio do Pacaembu, em São Paulo. A peça, criada em 1960, ficava na Praça Charles Miller, diante do estádio, e foi transferida para local próximo às quadras de tênis na década de 1990.

▮ Outra escultura, esta assinada pelo artista plástico Gustavo Rosa em 1998, foi fincada na Praça Califórnia, diante da Sociedade Harmonia de Tênis.

Her popularity, she herself attests, has always been greater outside the borders of Brazil and it is not by chance that her official website (www.mariabueno.org) appears only in English.

Still, she retains the largest fan club in São Paulo, especially at Harmonia, where she won't lack for routine training partners, which typically begin at 7:0 in the morning and will close two hours later.

"I have many friends who come to help me," she says, with the modesty of the myths.

Hall of Fame

- The final match of the US Open in 1964, in which Maria Esther defeated the American Carole Graebner in just 19 minutes, ended up in the Guinness Book. "As there was no intervals depending on the telecast, the match was continuous," she explains.
- Since 1978, the name of Maria Esther Bueno is enshrined in the Tennis Hall of Fame & Museum in Newport.
- An article of Encyclopedia Britannica recalls the highlights of the career of the Brazilian tennis player and some of his toughest opponents, such as Anthea Gibson and Darlene Hard.
- Her figure was replicated in wax at the Madame Tussauds Museum in London, and exposed for five years. "Now only the head is left in the collection, alongside Marie-Antoinette", she thinks it's funny.
- The post Office launched a special stamp in 1959, to commemorate his victory at Wimbledon – the same that yielded a hug of President Juscelino Kubitschek, registered on the cover of the magazine *Headline*, and a parade in open-backed car to Sao Paulo.
- The achievements at Wimbledon also led the player being featured on the cover of *Cruise* magazine, in January 1961, alongside playmaker Pele, the legendary fighter Eder Joffre and Bruno Hernani, two-time spear fishing.
- A statue of the athlete, in bronze, adorns the Estádio do Pacaembu in São Paulo. The piece, created in 1960, stood in the square Charles Miller in front of the stadium, and was transferred to place next to the tennis courts in the Decade of 1990.
- Another sculpture, signed by the artist Gustavo Rosa in 1998, was placed in California, Square in front of the Sociedade Harmonia de Tênis